

HISTÓRIA

EM
DEBATE

ANAIS DO XVIº SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS
PROFESSORES DE HISTÓRIA - RIO DE JANEIRO, 22 A 26 DE JULHO DE 1991.

HISTÓRIA EM DEBATE

Problemas, Temas e Perspectivas

ANPUH: 30 anos

CNPq

InFour

Imprensa e Sociedade: O Cotidiano Carioca de 1808 a 1821, Através da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Tereza Fachada Levy Cardoso

É nossa intenção, ao apresentarmos este trabalho, evidenciar as relações entre imprensa e sociedade, avaliando o papel do primeiro periódico a circular no Brasil, como agente ativo no processo de mudanças iniciado com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808.

A cidade do Rio de Janeiro, que nessa ocasião assumiu a nova condição de sede do Império Português, passou por importantes transformações, seja pelas melhorias materiais realizadas, com grande número de obras públicas e privadas, seja pela melhoria cultural, com o acesso mais fácil à informação através de livros, jornais e cursos de nível superior. Dessa forma, enquanto o aspecto externo da cidade foi modificado em função da necessidade de nela se acomodarem todos os membros da Corte, além dos órgãos públicos, o aspecto mental da cidade também foi modificado em função da mesma Corte, de seus hábitos e costumes, do fascínio que exercia sobre seus habitantes, de suas exigências de consumo, etc.

Assim, em meio a tantas novidades que se deram, surge a imprensa, graças ao decreto real de 13 de maio de 1808, que permitiu a instalação da Imprensa Régia, de cujos prelos, saiu, a 10 de setembro de 1808, o primeiro jornal periódico autorizado a circular no Brasil, a *GAZETA DO RIO DE JANEIRO*, publicada continuamente até 29 de dezembro de 1821, e que foi o único até 1811.

Ao destacarmos a *GAZETA DO RIO DE JANEIRO*, consideramos que ela veio preencher uma necessidade de informação sobre a guerra que se desenrolava na Europa, desde 1804, quando Napoleão expandia seu Império, o qual, já em 1812, assumia dimensões continentais. Os interessados nessas informações eram, principalmente, as pessoas que fizeram parte da comitiva da Família Real no seu traslado para o Brasil, e que haviam deixado em Portugal não só as suas propriedades e negócios, como parentes e amigos. Mas podemos acompanhar, ainda, através da *GAZETA*, as preocupações mais imediatas, não só desta parte da população residente na Corte, como também da população local que a recebia, entrando, desse modo, nos aspectos cotidianos da cidade.

A propósito, adotamos como critério metodológico para o estudo da *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* e sua análise em nossa pesquisa, dois tipos de divisão: na primeira delas, identificamos os setores do jornal - o de Notícias e o de Anúncios - sendo que neste trabalho vamos abordar somente o Setor de Anúncios, pois é o fundamental para estabelecermos uma relação de 13 anos de convivência entre o jornal e o cotidiano da cidade.

Na segunda divisão, o corte foi temporal: identificamos uma primeira fase, de 1808 a 1816, mais voltada para os acontecimentos na Europa, e uma segunda fase, de 1817 a 1821, quando o Brasil ganhou mais espaço no noticiário.

Contrariamente aos autores que classificam a *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* como incolor, de papel sem qualquer valor, consideramos esse jornal muito importante, pois através dos dados recolhidos em suas leituras, podemos reconstruir parte significativa do Brasil e da Europa no início do século XIX. Mas a *GAZETA* também nos permite resgatar - e é esse o nosso objetivo aqui - parte da história carioca, principalmente pela riqueza do seu setor de anúncios, fonte ainda pouco explorada.

Entretanto, para compreendermos melhor o papel exercido pelo jornal na sociedade, era preciso conhecer a cidade do Rio de Janeiro, por isso recorreremos, entre outras fontes, ao relato dos viajantes estrangeiros, como Luccock, Debret, St.Hilaire, Spix e Martius, que consideramos muito importantes pelas observações relativas ao modo de vida da população da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, a seu comportamento, a organização social e, sobretudo, nos interessaram as informações sobre as mudanças que esses viajantes detectaram nessa sociedade a partir da convivência com a Corte Portuguesa que nela se instalou.

De inestimável ajuda foram também os autores contemporâneos a Corte e que viviam no Brasil, como Pizarro e Araújo, que nos deixou suas "*Memórias Históricas do Rio de Janeiro*", obra em 10 volumes que chegou a ser anunciada para venda no setor de avisos da *GAZETA DO RIO DE JANEIRO*, ou ainda os escritos deixados por Luiz Gonçalves do Santos, mais conhecido como Pe. Perereca, que conviveu de perto com o poder.

Contribuíram ainda, as obras de Gilberto Ferrez, que atua no campo da iconografia e nos levou a redescobrir o Rio de Janeiro, através da reprodução de ilustradores, sobretudo estrangeiros, como Richard Bate e Thomas Ender, que nos permitiram visualizar como era a cidade naquela época.

O Rio de Janeiro era a capital do Brasil desde 1763, representando o seu centro político, econômico, administrativo e cultural; tinha um ótimo porto e um ativo comércio, em constante crescimento, sendo que para a cidade é que convergiam os negócios de exportação e abastecimento das regiões mineradoras.

Apesar disto, a cidade era pequena e pouco urbanizada, com uma população imprecisa, variando de 50 mil a 70 mil habitantes. Crescia apertada entre mar, os seus morros e vários pântanos, mas tinha uma beleza natural que deslumbrou muitos estrangeiros, de acordo com vários registros de época.

Para termos uma idéia melhor de como a cidade era pequena, tomemos a seguir o anúncio, publicado na *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* nº 16, de 5 de novembro de 1808:

“Vende-se a metade da Caza do canto da açougue, quem a quizer comprar compareça na praça dos Orfãos.”

De acordo com esse exemplo, observa-se que não era necessário colocar o nome da rua, ou mesmo nome do vendedor, porque a tarefa era fácil, bastando a uma referência como uma igreja ou uma praça para a localização estar garantida.

No entanto, diante do aumento populacional verificado após a instalação da Corte, e do conseqüente aumento da cidade, que chegou a receber, de uma só vez, de 15 a 16 mil novos habitante, os anúncios passaram a ser mais complexos, como no exemplo abaixo, do exemplar nº 87, de 28 de outubro de 1812:

“Vende-se uma morada de cazas de sobrado, sita na rua do Sabão, nº 46 do lado esquerdo.

Quem quizer compra-la falle com seu dono, que mora na rua da Alfândega, nº 60.”

Até 1808, a cidade vivia uma rotina monótona, raras vezes quebrada por uma comemoração promovida pelo vice-rei ou pela Igreja. Porém, a chegada da Família Real assinalou para os seus habitantes o início de uma nova era de mudanças, sem dúvida com muitos problemas, mas que ia transformar o Rio de Janeiro em uma cidade de nível internacional, segundo, ainda, o testemunho dos viajantes estrangeiros, como Spix e Martius, por exemplo.

A *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* publicou várias notícias que dão conta da agitação social na Corte, como o relato de festas, passeios da Família Real, anúncios de aniversários, notas de falecimentos, ligados não só aos membros da família Real como também a personalidades de destaque na sociedade.

No centro do Rio de Janeiro, que compreendia as ruas mais próximas ao mar, em torno do cais, concentrou-se 91 % do total de estabelecimentos comerciais da cidade, de acordo com o levantamento que fizemos a partir do **Almanaque do Rio de Janeiro** para o ano de 1816, destacando-se nessa área a rua Direita, onde moravam as figuras importantes da sociedade e se encontravam as principais lojas e firmas de comércio, além das casas de câmbio, companhias de navegação e importantes prédios públicos, como a Alfândega e a Junta da Real Fazenda, por exemplo.

Ainda no centro da cidade, temos o largo do Paço, onde se instalou o Paço Real a partir de 1808, e que se tornou o espaço mais concorrido pela população nos fins de tarde, embora também o Passeio Público se destacasse, principalmente no gosto de famílias que ali passeavam, nas raras ocasiões em que isto acontecia, salvo nas idas à missa.

A *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* era particularmente útil nesse centro comercial, como um instrumento valioso na organização do seu cotidiano, porque após o Setor de Notícias, normalmente se encontrava também o Setor de Anúncios, que começou ocupando um espaço limitado, em torno de meia página, mas que foi aumentando e chegou a ocupar duas páginas nos seus últimos anos.

O setor de Anúncios abrangia diversas seções que tratavam de assuntos específicos:

a. "Sahio à luz" - seção que divulgava as obras que se encontravam à venda nas livrarias ou na Impressão Régia, ou mesmo as que ainda estavam no prelo, além do anúncio da venda de outros periódicos, inclusive de Portugal. Eram decretos, livros, jornais, orações, poemas e calendários, por exemplo.

b. "Notícias Marítimas" - onde se encontrava a relação de entrada e saída das embarcações do Rio de Janeiro. Informava a data, o tipo e o nome da embarcação, quem era o mestre, quais os produtos que transportava e o porto de destino. Foi uma seção constante a partir de 1811 e era importante roteiro para os comerciantes, que desse modo podiam planejar com certa antecedência, compras e vendas de mercadorias.

c. "Saídas dos Correios" - seção que divulgava um calendário do correio marítimo e continha a data da partida, o destino e o nome da embarcação, além do nome do comandante.

d. "Mapas Estatísticos" - mais uma vez atendiam sobretudo o interesse dos

comerciantes. O primeiro, publicado em 1810, era bem simples, se comparado a outros que surgiram com certa regularidade ao longo dos anos e que informavam, por exemplo, o tipo e a quantidade de carga que cada navio constante da relação transportou, e o porto de onde saiu e para onde se dirigiu, além das informações de rotina, como nome da embarcação, etc.

e. “Anúncios” - encontramos sobre os mais variados assuntos, porém predominaram, durante todos os anos em que circulou o jornal, os anúncios imobiliários, e destes, os de venda de habitações, refletindo o grande problema do Rio de Janeiro do início do século XIX, a procura por moradias. Seguem-se os de estabelecimentos comerciais à venda e os relativos a aluguéis, tanto particulares como comerciais.

Em segundo lugar, pelo levantamento que fizemos na *GAZETA*, destacavam-se os anúncios de leilões, do interesse do comércio, que usava também o jornal como meio de divulgação de suas atividades. Além desses, os anúncios mais freqüentes eram os relativos ao comércio de escravos e embarcações.

O primeiro anúncio relativo a escravos publicado em um periódico no Brasil, está no nº 37 da *GAZETA DO RIO DE JANEIRO*, de 1808 e comunicava uma fuga, motivo que aparece na maior parte deles, mas temos ainda retratadas outras situações, como a compra, a venda e o aluguel dos escravos, que exemplificamos a seguir:

“Quem tiver hum negro Ferreiro, e o quizer vender, falle na loja da Gazeta, que se lhe dirá quem o quer comprar”
(GRJ, 26/04/1809)

“No dia 17 de fevereiro corrente pelas 10 h da manhã, se perdeu hum Moleque na Praia do Peixe, o qual terá 15 annos de idade; chama-se Matheus, he de Nação Cabundá, com calças de Amiagem, Camiza de pano de linho; ignora a lingoa Portugueza por ser comprado dias antes no Valongo: Quem delle souber, vá falar com João Pereira da Silva, morador na Rua da Ajuda nº 52 ao pé do Cel. Antonio Correa da Costa; e dele receberá boas alviçaras.”
(GRJ, 26/04/1809)

Achados e perdidos, propaganda, serviços que se ofereciam e que se procuravam, anúncios de furtos, além de uma extensa lista, compunham ainda o material desta seção.

Sem dúvida o público leitor da *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* fazia parte da classe dominante; o próprio fato de saber ler já denunciava esta posição, mas isto não o invalida, mesmo porque deve-se reconhecer o importante instrumento que foi para as atividades comerciais, seja noticiando o que se passava no noticiário internacional, ou prestando serviços que eram necessários na vida cotidiana de seus leitores.

Compõe, assim, um importante painel de “flashes” do dia a dia de uma cidade - o Rio de Janeiro, que pretendemos em parte captar neste nosso trabalho.